

CONSTRUÇÕES CONCESSIVAS, ESCALARIDADE E INTERSUBJETIVIDADE: ANÁLISE CONTRASTIVA DE [AINDA QUE P, Q] E [MESMO QUE P, Q]

CONCESSIVE CONSTRUCTIONS, SCALARITY AND INTERSUBJECTIVITY: CONTRASTIVE ANALYSIS OF
[AINDA QUE P, Q] AND [MESMO QUE P, Q]

Gabriela Silva Ribeiro¹

Lilian Vieira Ferrari²

RESUMO

Sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, este trabalho contrasta as construções concessivas [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q] do português brasileiro em textos jornalísticos escritos. Com base em dados retirados do corpus do português (www.corpusdoportugues.br) e do Corpus NILC/ São Carlos (<https://www.linguateca.pt>), o objetivo é estabelecer a diferença semântico-pragmática entre as referidas construções (Goldberg, 1995). Para além da relação sintática de subordinação destacada pelas gramáticas tradicionais, estabelece-se a hipótese de que, em termos semânticos, ambas as construções sinalizam relações de incongruência entre P e Q, mas diferem pragmaticamente em relação às noções de factualidade e eventualidade, associadas à escalaridade (Dancygier e Sweetser, 2005). A escalaridade, por sua vez, está relacionada com a experiência social do falante, de modo que a relação causal estabelecida se enquadra na noção de Intersubjetividade Estendida (Tantucci, 2021). A análise preliminar das construções concessivas demonstra que as construções [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q] se diferenciam, em termos pragmáticos, com base nas noções de factualidade e eventualidade, associadas à Postura Epistêmica (Fillmore, 1990a, b). Mais especificamente, a análise indica que a associação ou dissociação mental do falante pode estar relacionada ao evento descrito em P ou, ainda, à relação causal estabelecida entre P e Q.

PALAVRAS-CHAVE: Construções Concessivas. Escalaridade. Intersubjetividade. Postura Epistêmica.

ABSTRACT

From the theoretical perspective of Cognitive Linguistics, this work contrasts the concessive constructions [AINDA QUE P, Q] and [MESMO QUE P, Q] in Brazilian Portuguese journalistic texts. Based on data extracted from the Portuguese corpus (www.corpusdoportugues.br) and the NILC/ São Carlos corpus (<https://www.linguateca.pt>), the goal is to establish the semantic-pragmatic difference between the mentioned constructions (Goldberg, 1995). Beyond the syntactic subordination relationship highlighted by traditional grammars, the hypothesis is established that, in semantic terms, both constructions signal incongruence between P and Q but differ pragmatically in relation to the notions of factuality and eventuality, associated with scalarity (Dancygier and Sweetser, 2005). Scalarity, in turn, is related to the speaker's social experience, so the established causal relationship fits into the notion of Extended Intersubjectivity (tantucci, 2021). The preliminary analysis of concessive constructions demonstrates that the constructions [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q] differ based on the notions of factuality and eventuality associated with Epistemic Stance (Fillmore, 1990a, b). More specifically, the analysis indicates that the mental association or dissociation of the speaker can be related to the event described in P or, alternatively, to the causal relationship established between P and Q.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), gabrielaribeiro@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-1801-9212>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), lilianferrari@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0001-7808-4425>.

KEYWORDS: Concessive Constructions, Escalality, Intersubjectivity, Epistemic Stance.

1. Introdução

Este trabalho contrasta as construções concessivas [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q] do português brasileiro, com base em dados de uso retirados do *corpus* do português (www.corpusdoportugues.br) e do *corpus* NILC/São Carlos (<https://www.linguateca.pt>). A análise adota a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva e, mais especificamente, da Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997) e da Gramática de Construções Cognitiva, levando em conta o Princípio de Não-Sinonímia (Goldberg, 1995). O objetivo é analisar as características semântico-pragmáticas dessas construções, relacionando as noções de escalaridade (Dancygier e Sweetser, 2005), intersubjetividade (Tantucci, 2021) e postura epistêmica (Fillmore, 1990 a, b).

O artigo está organizado em três seções principais. Na seção 2, apresentam-se os pressupostos teóricos, detalhando-se o Princípio de Não-sinonímia e os conceitos de postura epistêmica, escalaridade e intersubjetividade. A seção 3 enfoca a metodologia, explicitando a origem dos dados, o tipo de análise, os objetivos e hipóteses da pesquisa. Na seção 4, a análise destaca que as construções [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q] constroem espaços que estabelecem relações causais incongruentes, apresentando, em Q, uma consequência inesperada em relação a P, que, por sua vez, representa o ponto máximo de uma escala. Por outro lado, as construções diferem quanto à postura epistêmica, na medida em que [AINDA QUE P, Q] expressa postura epistêmica positiva (factualidade), enquanto [MESMO QUE P, Q] sinaliza postura epistêmica neutra ou negativa, indicando a potencialidade ou não-factalidade de P.

2. Pressupostos teóricos

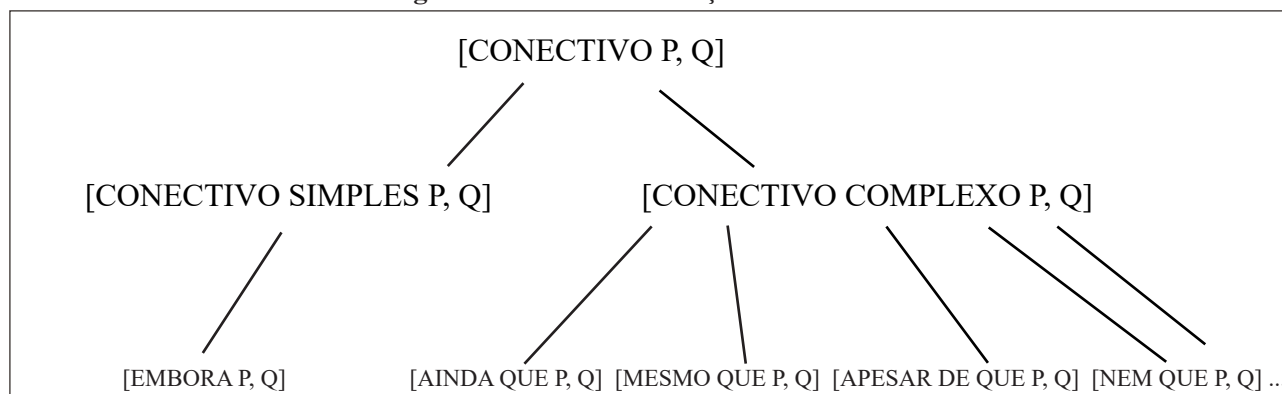
Nesta seção, a base teórica que fundamenta o trabalho é detalhada. Inicialmente, um panorama geral da rede de construções concessivas é apresentado, destacando-se o papel do Princípio de Não-Sinonímia na relação entre as construções concessivas analisadas. Na seção 2.2, a noção de Postura Epistêmica, proposta inicialmente por Fillmore (1990a, b) é enfocada. A seção 2.3 resume a proposta de Dancygier e Sweetser (2005), baseada na Teoria dos Espaços Mentais, para descrever relações entre espaços mentais em concessivas iniciadas por *even if* (“mesmo que/ainda que”) em inglês. Por fim, o modelo de intersubjetividade proposto por Tantucci (2021) e, mais especificamente, a noção de intersubjetividade estendida, é retomado e relacionado às construções concessivas sob estudo.

2.1. Construções Concessivas e Princípio de Não-Sinonímia

No português brasileiro, as construções concessivas [CONECTIVO P, Q] são constituídas por uma cláusula subordinada iniciada por conjunção concessiva e uma cláusula principal. A conjunção da cláusula subordinada, por sua vez, pode ser instanciada por um item morfossintaticamente simples,

como “embora”, ou itens morfossintaticamente complexos, tais como “ainda que”, “mesmo que”, “apesar de que”, “nem que”, etc. A rede de construções concessivas pode ser assim representada:

Figura 1: Rede de Construções Concessivas.



Fonte: Elaboração das autoras.

Tomando por base o Princípio de Não-Sinonímia (Goldberg, 1995), que estabelece que se duas construções forem sintaticamente distintas e semanticamente semelhantes, então serão pragmaticamente distintas, é possível estabelecer a hipótese de que as diferentes instanciações da construção concessiva apresentam diferenças pragmáticas. Em estudo anterior (Ferrari; Ribeiro, 2022), foram contrastadas a construção [Embora P, Q] e a condicional concessiva [Se P, Q]³, destacando-se que a primeira indica postura epistêmica positiva, enquanto a segunda indica postura epistêmica neutra ou negativa por retomar uma fala reportada no discurso antecedente.

O presente trabalho, por sua vez, enfoca as instanciações [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q], com base na hipótese de que ambas indicam a concessividade e escalaridade. Por outro lado, considerando-se o Princípio de Não-Sinonímia, as semelhanças semânticas e diferenças pragmáticas entre ambas serão analisadas, com base nas noções de postura epistêmica, intersubjetividade e escalaridade.

2.2. A noção de postura epistêmica

A noção de postura epistêmica foi inicialmente proposta por Fillmore (1990 a, b) para contrastar construções condicionais e temporais. Observemos a diferença entre os seguintes exemplos:

³ Vale destacar que a condicional concessiva iniciada por “se”, em português, ocupa posição limítrofe entre as construções condicionais e as construções concessivas, apresentando características de ambas (ex. Se ele é inteligente, não é educado). Como destacam Ferrari e Ribeiro (2022), o uso dessas construções está relacionado ao grau de comprometimento do falante em relação ao evento descrito na cláusula subordinada P. No caso da condicional concessiva, o falante apenas retoma o discurso de outrem, não se compromete com a verdade de P. Já na concessiva prototípica iniciada por “embora” (ex. Embora ele seja inteligente, não é educado), o falante apresenta seu próprio ponto de vista, adotando postura epistêmica positiva em relação à cláusula subordinada (isto é, o falante acredita na factualidade de P).

- (1) Quando o rapaz decidir fazer o Enem, vai ter que estudar muito.
- (2) Se o rapaz decidir fazer o Enem, vai ter que estudar muito.
- (3) Se o rapaz decidisse fazer o Enem, teria que estudar muito.

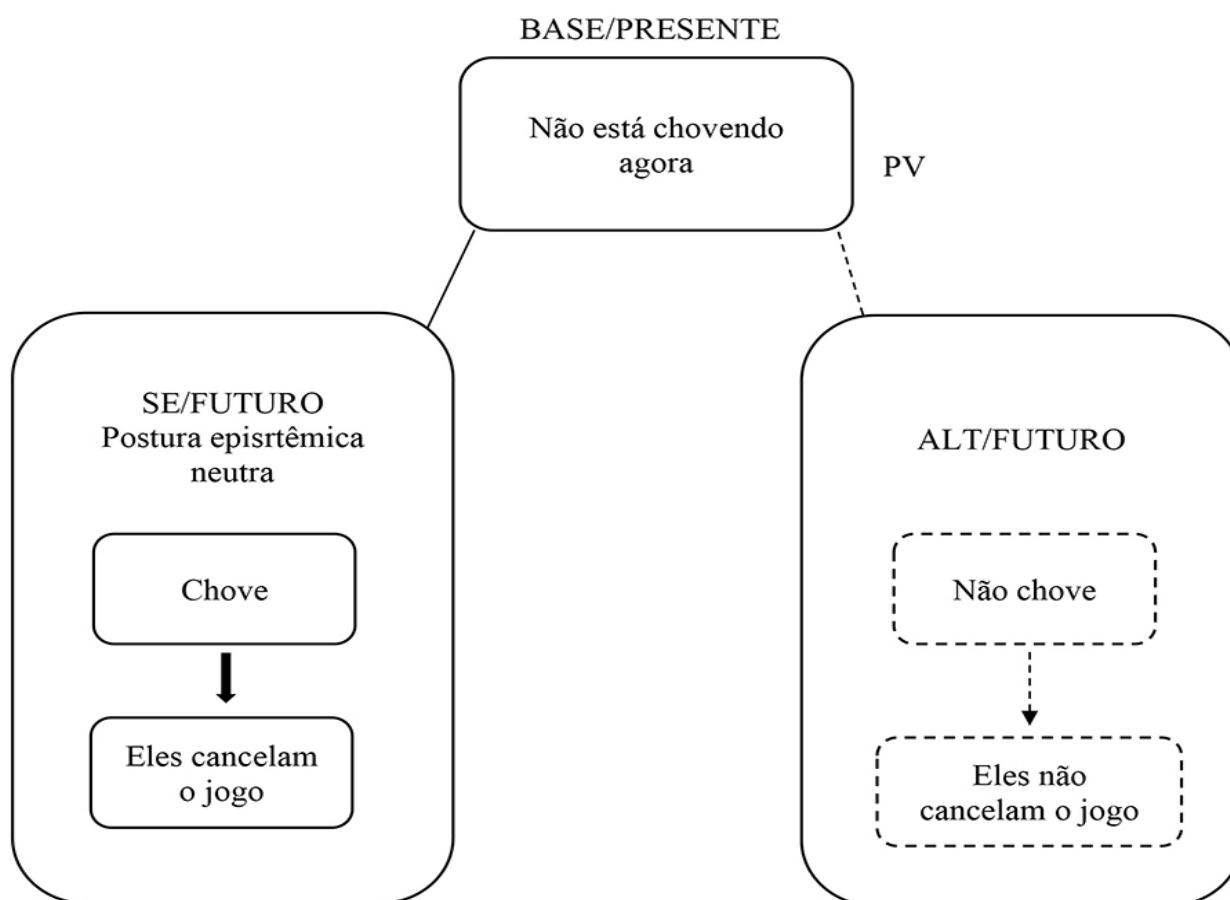
Na construção temporal, ilustrada no exemplo (1), o falante adota postura epistêmica positiva, estabelecendo associação mental com o evento descrito na prótase, de modo a considerá-lo uma descrição de um estado de coisas real (“o rapaz decidir fazer o Enem”). Já nas construções condicionais, nos exemplos (2) e (3), o falante adota postura epistêmica neutra e negativa, respectivamente. O exemplo (2) indica que o falante não se identifica com P (“o rapaz pode ou não decidir fazer o Enem”), nem com não-P (“o rapaz não decidir fazer o Enem”), isto é, o falante mantém neutralidade em relação à possibilidade de que um determinado rapaz faça o Enem. O exemplo (3), por sua vez, indica postura epistêmica negativa, sugerindo que o falante não acredita que o rapaz decida fazer o Enem.

Em estudo baseado em conversações espontâneas do inglês americano, Kärkkäinen (2003) destacou que a postura epistêmica é uma noção pragmática. A autora argumenta que a demonstração de compromisso com o status da informação é uma atividade interacional, ancorada na interação entre os coparticipantes da conversação. Sendo assim, argumentamos que a noção de postura epistêmica é especialmente relevante para estabelecer a diferenciação pragmática entre as concessivas [Ainda P, Q] e [Mesmo P, Q] em português (Coneglian, 2015). Ao mesmo tempo, ambas as instanciações da construção concessiva têm em comum a noção de escalaridade, usada na descrição das condicionais-concessivas introduzidas por “*even if*” em inglês. É o que será descrito na subseção a seguir.

2.3. Condicionais concessivas introduzidas por “*Even if*” em inglês

A Teoria dos Espaços Mentais (TEM), proposta por Fauconnier (1994, 1997), desempenha papel destacado no âmbito da Linguística Cognitiva. Em especial, a TEM parte do princípio de que domínio conceptuais, os espaços mentais, são criados à medida que o discurso se desenvolve, contendo representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, lembrado ou imaginado. Sendo assim, a partir da Base, espaço ancorado na situação comunicativa envolvendo falante, ouvinte(s), momento e local da enunciação, outros espaços são criados com representações de eventos passados ou futuros, locais distintos da Base, hipóteses, e assim por diante.

Em livro que aborda condicionais em inglês sob a perspectiva da Teoria dos Espaços Mentais, Dancygier e Sweetser (2005) abordam diferentes tipos de construções condicionais. Por exemplo, a condicional preditiva *If P, Q* (“Se P, Q”) é uma construção que estabelece uma relação causal hipotética entre os eventos descritos. Por exemplo, na condicional “Se chover, eles cancelam o jogo”, a relação entre a prótase P (“se chover”) e a apódose Q (“eles cancelarão o jogo”) pode ser assim representada:

Figura 2: Representação da condicional preditiva “Se chover, eles cancelarão o jogo”.

Fonte: Elaboração das autoras.

Como ilustrado na figura 2, as condicionais preditivas criam uma correlação de parâmetros que estruturam dois conjuntos de espaços alternativos, ambos interpretados como futuros potenciais em relação à Base, que atua como Ponto de Vista (PV). O primeiro conjunto contém um espaço fundação, em que chove, e sua **expansão**, em que cancelam o jogo; o outro conjunto cria espaços alternativos, em que não chove e o jogo não é cancelado.

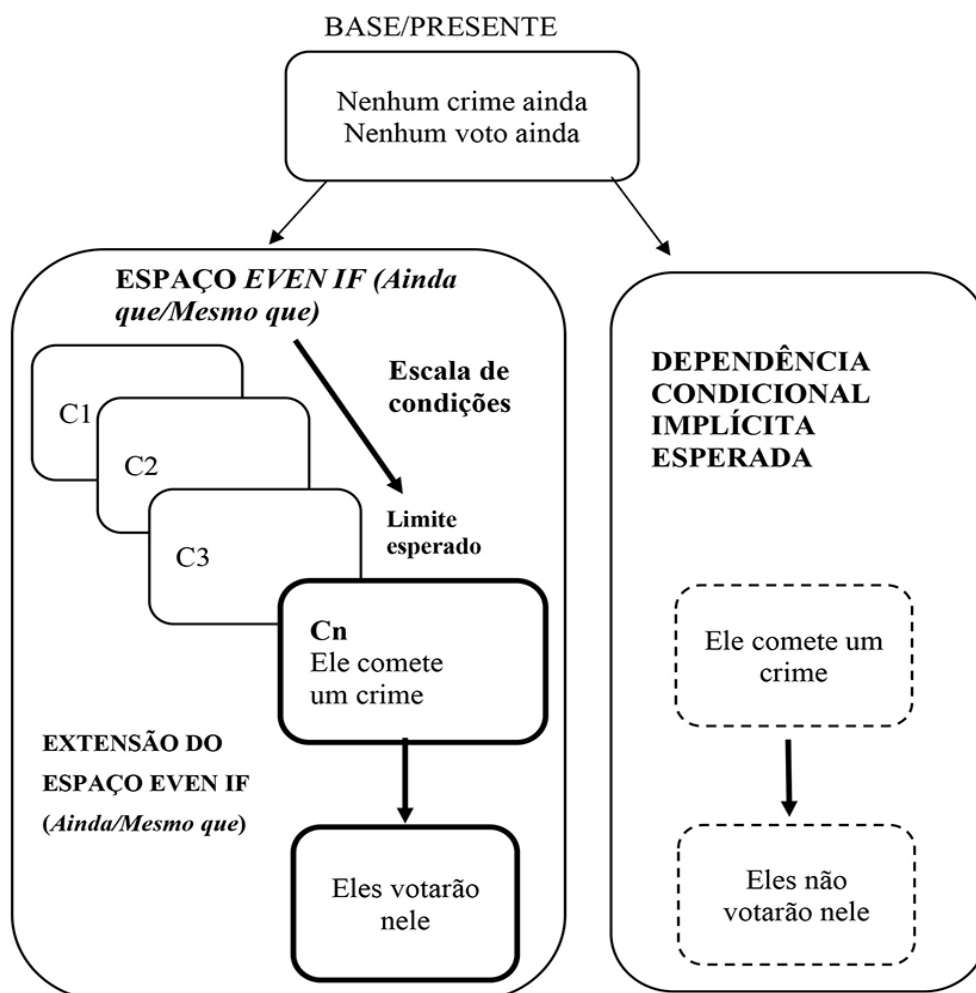
Já com relação às condicionais concessivas *Even if P, Q*, a análise proposta pelas autoras tem como objetivo demonstrar que essas construções estabelecem predições - tal como as condicionais preditivas *If P, Q* -, mas diferentemente dessas últimas, não estabelecem espaços alternativos. Ao invés disso, envolvem a noção de escalaridade. As autoras discutem o seguinte exemplo (p. 157):

- (4) *Even if he commits a crime, they'll vote for him.*

“Ainda/Mesmo que ele cometa um crime, eles votarão nele”.

No exemplo (4), a condicional-concessiva [*Even if* P, Q], em inglês, sugere que os eleitores não vão mudar de ideia nem no caso extremo em que o candidato tenha cometido um crime. Como indicado na tradução do exemplo, essa construção pode corresponder, em português, às instâncias [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q]⁴. O diagrama, a seguir, representa essa conceptualização:

Figura 3: *Even if he commits a crime, they'll vote for him*



Fonte: (Adaptado de Dancygier e Sweetser, 2005)

Como representado na figura 3, as condicionais concessivas [*Even if* P, Q] em inglês (e as correspondentes [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q] em português) indicam escalaridade, de modo que o evento representado em P corresponde ao ponto máximo de uma escala. Sendo assim, nessas concessivas, a construção de espaços não envolve apenas um espaço alternativo, mas uma

⁴ O fato de que a construção [*Even if* P, Q] corresponda, em português, a [Ainda que P, Q] e [Mesmo que P, Q] indica que, diferentemente do inglês, há duas concessivas em português associadas à noção de escalaridade. Como ficará claro no decorrer deste trabalho, em português, há outro fator pragmático que diferencia essas duas concessivas escalares, que é a noção de postura epistêmica.

escala pragmática de espaços, incluindo desde espaços que têm maior probabilidade até espaços com probabilidade muito menor de causar Q. Tem-se, portanto, a inferência de que Q ocorrerá (“votarem nele”) sob quaisquer circunstâncias.

Além disso, como apontado por Dancygier (1988), nas condicionais concessivas, há a implicação de uma cadeia causal “normal”, prevista socialmente, que faz com que se espere que P (“cometer um crime”) levará a “não Q” (“eles não votarão nele”), como indicado na estrutura implícita da figura 3. Apesar disso, essas concessivas estabelecem, explicitamente, uma relação anormal e surpreendente entre P e Q, sugerindo que o que se prevê (“eles votarem nele”) decorre de outras causas não mencionadas nas sentenças e, portanto, cadeias normais de causalidade não são válidas. De qualquer forma, o fato de que haja uma dependência causal implícita esperada remete a outra noção importante, que é a intersubjetividade, abordada na subseção a seguir.

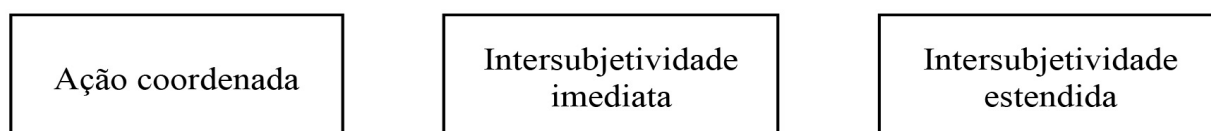
2.4. Intersubjetividade

Os fenômenos de subjetividade e intersubjetividade têm sido tratados em estudos sobre mudança semântica e gramaticalização (Traugott; Dasher, 2005), assim como em propostas no âmbito da Linguística Cognitiva (Langacker, 1990; Verhagen, 2005). Em que pesem as diferenças entre as abordagens, esses estudos descrevem, em geral, a subjetividade e a intersubjetividade em termos da referência (implícita ou explícita) ao falante e ao(s) ouvinte(s), respectivamente.

Em proposta recente, Tantucci (2021) propõe um refinamento da noção de intersubjetividade, argumentando que as construções intersubjetivas podem apresentar diferentes graus, já que a noção de pertencimento a um grupo social (“consciência social”) pode ser codificada linguisticamente por diferentes construções, em vários níveis de complexidade.

A proposta de Tantucci (2021) é a de que há uma gradiência semântica entre a consciência das emoções e crenças de interlocutores específicos e a habilidade de estabelecer empatia com uma *persona* social genérica e fazer referência a convenções culturalmente estabelecidas. Há um *continuum*, portanto, que inclui as seguintes etapas: a. atos linguísticos que objetivam exclusivamente alcançar algo que beneficia o falante; b. atos linguísticos que expressam claramente a preocupação do falante com a reação do interlocutor ao que está sendo dito; e c. atos linguísticos que expressam claramente um sentido social e marcam, portanto, a preocupação do falante com a reação de qualquer pessoa na sociedade ao que está sendo dito. Em suma, o autor propõe que há uma trajetória unidirecional de crescente complexidade da cognição social, que vai da **ação coordenada** (“*co-actional activity*”), para a **intersubjetividade imediata** (*I-I*) e para a **intersubjetividade estendida** (*I-E*):

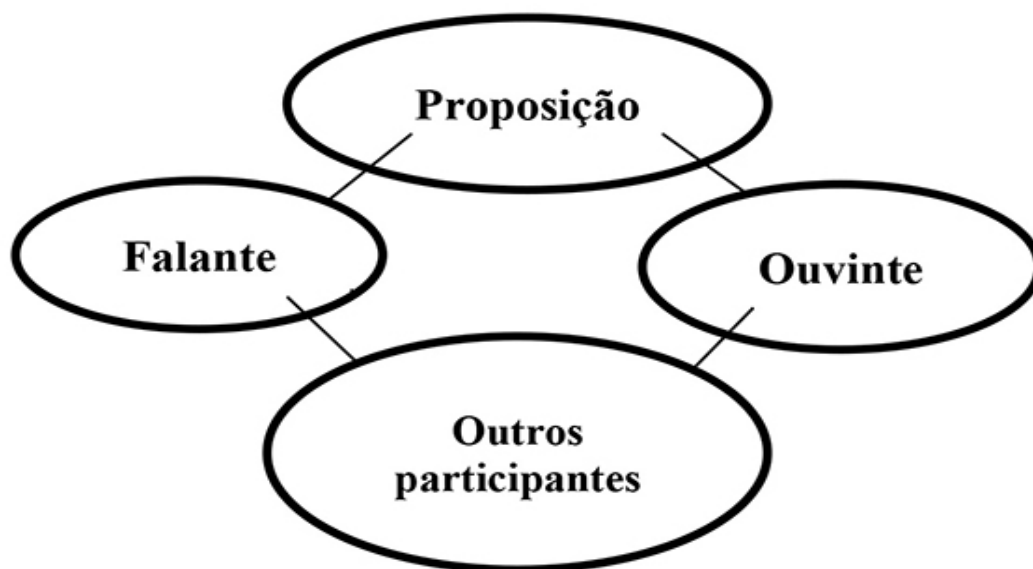
Figura 4: Complexidade crescente da cognição social.



Fonte: Elaboração das autoras.

As etapas apresentadas na figura 4 podem ser observadas em qualquer evento de fala que envolva, pelo menos, dois agentes. A ação coordenada é egocêntrica, no sentido de que a coordenação busca algo que é benéfico para o falante. Por exemplo, é o que ocorre quando uma criança diz para a mãe “quero o brinquedo”, em que a criança expressa, proposicionalmente, sua vontade. Nesse caso, coloca a si própria em proeminência e também a proposição, deixando o ouvinte subfocalizado. No que se refere à intersubjetividade imediata, o falante faz uso de construções linguísticas locais para expressar consciência da mente de um interlocutor específico. Por exemplo, na sentença “Para ser sincera, essa roupa não fica bem em você”, o uso de “para ser sincera” expressa intersubjetividade imediata, porque, nesse caso, o falante prepara o ouvinte para ouvir algo que pode, potencialmente, desagradá-lo. Assim, diferentemente da etapa anterior, o ouvinte também é colocado em proeminência. Por fim, na intersubjetividade estendida, o falante faz uso de construções linguísticas locais não apenas para expressar consciência de um interlocutor específico, mas também de uma terceira pessoa, ou de qualquer outro membro do grupo social. Nesse estágio, a linguagem se torna uma forma de reconhecimento social, de modo que os atos linguísticos são marcados como algo que pode ser reconhecido, apoiado e entendido por qualquer pessoa. É o que ilustra a representação a seguir, em que outros participantes também são colocados em proeminência:

Figura 5: Intersubjetividade estendida.



Fonte: (Adaptado de Tantucci, 2021)

A representação na figura 5 pode ser ilustrada pela sentença “Essa saia fica bem com blusa social. Com qualquer tipo de blusa, para ser honesta”, o uso de “para ser honesta”, diferentemente do exemplo apresentado na etapa anterior, não se dirige apenas ao interlocutor, mas a qualquer pessoa que, potencialmente, pudesse ouvir a sentença.

Em linhas gerais, diferentemente da ação cooperativa, a intersubjetividade imediata e a intersubjetividade estendida acrescentam uma camada de significado intersubjetivo. Nos exemplos, as sentenças teriam o mesmo conteúdo proposicional na ausência da expressão “para ser sincera” e “para ser honesta”, mas acrescentam uma camada de significado intersubjetivo na medida em que levam em conta as reações do interlocutor. Com relação às concessivas em discussão, a noção de intersubjetividade estendida permite explicar a incongruência entre P e Q, como será discutido na análise.

3. Metodologia

A pesquisa baseia-se em dados de uso, retirados do *Corpus* do Português (<https://www.corpusdoportugues.org/>), especificamente, da aba NOW, e do *Corpus* NILC/ São Carlos (<https://www.linguateca.pt/>), analisando um total de 114 construções concessivas; mais especificamente, 45 construções [AINDA QUE P, Q] e 69 construções [MESMO QUE P, Q].

Vale destacar que, embora tenham sido encontradas ocorrências em que uma das orações apresenta natureza sintagmática⁵, o trabalho enfoca apenas as construções concessivas em que as cláusulas P e Q são oracionais, como ilustrado a seguir:

- (5) BR (16-12-05) Sob a ótica do advogado, **ainda que** a intenção de o STF seja descriminalizar o aborto, é preciso ponderar o direito ao nascituro e à paternidade.

(Fonte: Jornal do Comércio (*Corpus* do Português/NOW). Disponível em: http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2016/12/geral/534462-decisao-do-stf-sobre-aborto-gera-controversia.html)

- (6) BR (19-01-24) **Mesmo que** eu não tenha qualquer simpatia por Bolsonaro, e esteja terrivelmente preocupado sobre o que ele pode fazer com o Brasil, hoje ele é uma voz muito mais legítima, e está em uma posição legítima para condenar o regime autoritário de a Venezuela.

(Fonte: UOL (*Corpus* do Português/NOW). Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/01/25/bolsonaro-acerta-em-apoiar-saida-de-maduro-venezuela-diz-steven-levitsky.htm>)

Em (5), embora a relação causal “normalmente esperada” seja entre “intenção de descriminalizar o aborto” e “não ponderação do direito ao nascituro e à paternidade”, a concessiva [AINDA QUE P, Q] destaca a proposta de um advogado em favor da ocorrência dos eventos P e Q (“intenção do STF de descriminalizar o aborto” e “ponderação do direito ao nascituro e à paternidade”). De forma análoga, em (6), apesar da relação causal mais evidente ser a do jornalista “não ter simpatia por Bolsonaro” e

⁵ Os seguintes exemplos ilustram essa possibilidade:

- (1) (...) a Macrométrica (...) é a que apresenta visão mais positiva, ainda que com diversas ressalvas.
- (2) É notável como a equipe de a The Chinese Room conseguiu criar um mundo realmente vivo, mesmo que inabitado.

considerar que o político “não tem posição legítima para condenar o regime autoritário”, a estrutura [MESMO QUE P, Q] constrói uma causalidade entre P e Q (“não ter simpatia pelo Bolsonaro” e “considerá-lo em posição legítima para o debate sobre o regime autoritário na Venezuela”).

A partir desse recorte do objeto de estudo, o objetivo geral do trabalho é contrastar as construções concessivas [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q] no português brasileiro, com base no Princípio de Não-Sinonímia. Mais especificamente, busca-se identificar as semelhanças semânticas e diferenças pragmáticas entre ambas, com base nas seguintes hipóteses:

- (i) o significado comum entre as construções envolve as noções de escalaridade e intersubjetividade;
- (ii) a diferença pragmática entre ambas está relacionada à postura epistêmica do falante/redator em relação ao evento descrito em P.

Na seção a seguir, a análise detalha cada um desses aspectos nos dados selecionados.

4. Análise

Nesta seção, é apresentada a análise contrastiva das construções concessivas [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q]. Na seção 4.1, é abordada as características intersubjetivas associadas à escalaridade, que aparentam sinalizar o significado comum a ambas as construções, a partir das noções de intersubjetividade e escalaridade. Na seção 4.2, analisam-se fatores associados à diferença de postura epistêmica entre as construções.

4.1. Intersubjetividade e escalaridade

As construções [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q] representam intersubjetividade estendida, na medida em que o falante expressa consciência de um grupo social mais amplo ao afirmar uma relação causal que vai contra o que é “normalmente” esperado. Observemos os seguintes exemplos retirados do corpus:

- (7) FSP940102-153: **Ainda que** não possa predizer como uma espécie vai evoluir, o mecanismo da seleção natural é o mais convincente para explicar como a evolução se dá.

(Fonte: Folha de São Paulo (*Corpus* NILC/ São Carlos). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/02/mais!/22.html>)

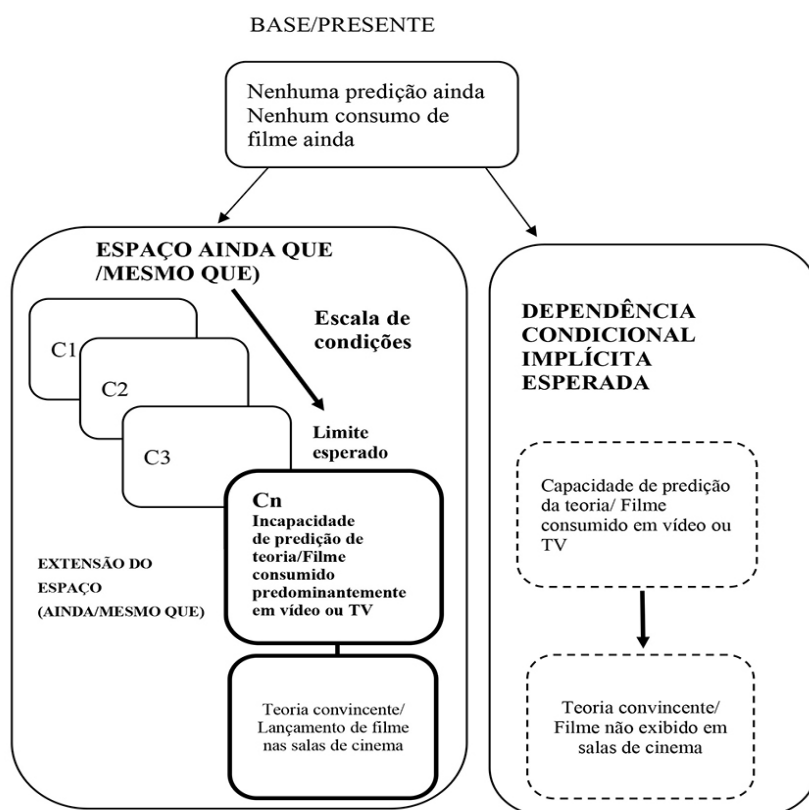
- (8) FSP940101-116: Aníbal Massaini Neto, presidente do Sindicato da Indústria Cinematográfica de São Paulo, dá mais um motivo para a sobrevivência do cinema: **mesmo que** um filme seja consumido predominantemente no vídeo ou na TV, o lançamento nas salas é cada vez mais importante para sua divulgação.

(Fonte: Folha de São Paulo (*Corpus* NILC/ São Carlos). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/01/ilustrada/9.html>)

O exemplo (7) nega a relação causal “normalmente esperada” na comunidade científica entre capacidade de predição e capacidade de convencimento de uma teoria científica (no caso, a teoria de seleção natural). O mesmo se observa em (8), na medida em que não é “socialmente esperado” que seja importante lançar, nas salas de cinema, um filme consumido predominantemente em vídeo ou TV. Nesse sentido, ambos os exemplos indicam intersubjetividade estendida, na medida em que promovem uma ruptura com o que é “socialmente esperado”.

Além disso, ambas as construções apresentam, em P, uma situação que pode ser considerada o limite máximo de uma escala. No caso do exemplo (7), as teorias científicas podem ter diferentes graus de predição de um determinado fenômeno, sendo a incapacidade total de predição o limite máximo. E, em (8), a predominância de consumo, em vídeo ou TV, representa uma situação considerada altamente “adversa” para o lançamento de filmes em salas de cinema. É o que resume o diagrama a seguir:

Figura 6: Escalaridade nos exemplos (7) e (8).



Fonte: Elaboração das autoras.

A figura 6 representa a escalaridade de P, que constitui um elemento comum entre as concessivas introduzidas por “ainda que” e “mesmo que”. A representação inclui uma escala de condições que poderiam levar a uma determinada consequência (C1 a C3), mas a condição válida (Cn) é aquela que ultrapassa o limite máximo esperado dessa escala. Por fim, na representação da Dependência Condicional Implícita Esperada, há uma relação direta daquilo que é socialmente disseminado e o

efeito esperado. No caso, a capacidade de predição de uma teoria está relacionada com o fato dessa teoria ser convincente e o filme, que é predominantemente exibido em vídeo ou na televisão, não ser exibido nas salas de cinema. Na seção a seguir detalha-se a diferença pragmática entre as construções referidas.

4.2. Diferença pragmática: postura epistêmica

Com relação à diferença pragmática entre as construções sob estudo, observamos que as concessivas [AINDA QUE P, Q] indicam postura epistêmica positiva, de modo que o falante se compromete com a factualidade do evento descrito em P. Já as concessivas [MESMO QUE P, Q] indicam postura epistêmica neutra ou negativa; nesse caso, o falante trata P como uma possibilidade ou como uma impossibilidade, respectivamente.

Retomemos ao exemplo (5):

- (5) Sob a ótica do advogado, **ainda que** a intenção de o STF seja descriminalizar o aborto, é preciso ponderar o direito ao nascituro e à paternidade. “Lembrando que não estamos falando de um feto doente ou de uma mãe que sofreu um estupro, mas do simples arbítrio de desistir da gestação”, observa.

(Fonte: Jornal do Comércio (*Corpus* do Português/NOW). Disponível em: http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2016/12/geral/534462-decisao-do-stf-sobre-aborto-gera-controversia.html)

No exemplo (5), apresentado anteriormente, faz-se referência a uma intenção já conhecida do STF (“descriminalizar o aborto”) e, portanto, a um fato (postura epistêmica positiva). Por outro lado, o emprego de “Mesmo que”, em (9), evidencia uma distinção em relação a esse parâmetro:

- (9) BR (17-06-17) **Mesmo que** o fornecimento de energia elétrica chegue de forma reduzida a essas aldeias com a empresa pública “Kenia Power”, o preço de a fatura, de 500 xelins quenianos por mês (cerca de R\$ 20), torna o acesso a eletricidade inacessível para pessoas que sobrevivem com menos de R\$ 4 por dia.

(Fonte: UOL (*Corpus* do Português/NOW). Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/efe/2017/06/17/heroi-queniano-ilumina-aldeias-remotas-com-a-forca-da-agua.htm>)

No exemplo (9), a cláusula P (“**Mesmo que** o fornecimento de energia elétrica chegue de forma reduzida a essas aldeias (...)”) estabelece uma possibilidade (postura epistêmica neutra).

Com relação à combinação modo-temporal, os exemplos (5) e (9) apresentam a combinação [P (Presente do Subjuntivo) – Q (Presente do Indicativo)], que foi a mais frequente em ambas as construções, correspondendo a 55% do total de dados de [AINDA QUE P, Q] e 43% do total de dados de [MESMO QUE P, Q]. Além disso, como observado na tabela 1, a comparação entre as duas

construções quanto ao uso da combinação [P (Presente do Subjuntivo) – Q (Presente do Indicativo)] se mostrou relativamente equilibrada:

Tabela 1: Frequência da combinação modo-temporal (P) Presente do Subjuntivo - (Q) Presente do Indicativo nos dados de [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q].

Combinação modo-temporal	[AINDA QUE P, Q]		[MESMO QUE P, Q]	
	Frequência	%	Frequência	%
(P) Presente do Subjuntivo - (Q) Presente do Indicativo	25/55	45%	30/55	55%

Fonte: Elaboração das autoras.

O fato de que a combinação modo-temporal mais frequente nos dados - [(P) Presente do Subjuntivo] - (Q) Presente do Indicativo] - seja compatível com ambas as construções, como indicado na tabela 1, destaca o papel primordial dos conectivos concessivos “ainda que” e “mesmo que” na sinalização das posturas epistêmicas positiva e neutra, respectivamente.

Por outro lado, combinações modo-temporais prototipicamente associadas à postura epistêmica negativa, como [P (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)- Q (Futuro do Pretérito do Indicativo)]⁶, foram pouco frequentes em ambas as construções, correspondendo a 2% do total de dados de [AINDA QUE P, Q] e a 7% do total de dados de [MESMO QUE P, Q]. Entretanto, a comparação entre as duas construções indica uma preferência pelo uso da combinação [P (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo – Q (Futuro do Pretérito do Indicativo)], na construção [MESMO QUE P, Q]. Consideremos a tabela a seguir:

Tabela 2: Frequência da combinação modo-temporal [(P) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo - (Q) Futuro do Pretérito do Indicativo] nos dados de [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q].

Combinação modo-temporal	[AINDA QUE P, Q]		[MESMO QUE P, Q]	
	Frequência	%	Frequência	%
(P) Pretérito Imperfeito do Subjuntivo (Q) Futuro do Pretérito do Indicativo	1/6	17%	5/6	83%

Fonte: Elaboração das autoras.

A tabela 2 indica que embora pouco frequente em termos gerais, a combinação [P (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)- Q (Futuro do Pretérito do Indicativo)] predomina com a construção [MESMO QUE P, Q], como ilustra o exemplo a seguir:

⁶ Em construções condicionais do português brasileiro, por exemplo, a combinação [Pretérito Imperfeito do Subjuntivo, Futuro do Pretérito do Indicativo] tem sido descrita na literatura como associada a postura epistêmica negativa. Sendo assim, em uma sentença como “Se chovesse, eles cancelariam o jogo”, assume-se que o falante não acredita que vá chover (Ferrari, 2005, 2015).

- (10) A inadequação das receitas do FMI é, portanto, refém de uma teoria ruim, mas **mesmo que** a teoria fosse corrigida (criando-se diferentes possibilidades de “mix” de políticas fiscais, cambiais, monetárias, etc.), a dificuldade continuaria.

(Fonte: Folha de São Paulo (*Corpus* NILC/ São Carlos). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/02/mais!/8.html>)

O uso de “mesmo que” no exemplo (10) é compatível com postura epistêmica negativa, na medida em que se estabelece uma situação hipotética e improvável (“a teoria ser corrigida”).

Vale destacar, entretanto, que houve ocorrência da combinação [P (Pretérito Imperfeito do Subjuntivo)-Q (Futuro do Pretérito do Indicativo)] na construção [AINDA QUE P, Q], como ilustrado a seguir:

- (11) O impacto ambiental das cidades e indústrias persistiria, **ainda que** não nascesse mais nenhuma criança no Terceiro Mundo. Esse é um dos argumentos apresentados em «População, Meio Ambiente e Desenvolvimento» para desnudar falácias do uso da demografia na ecologia.

(Fonte: Folha de São Paulo (*Corpus* NILC/ São Carlos). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/1/09/mais!/26.html>)

Em (11), embora seja aventada, em P, uma situação hipotética e improvável (“não nascer mais nenhuma criança no terceiro mundo”), não ocorre a construção [MESMO QUE P, Q], como seria de se esperar. Nesse caso, é possível que a relação causal entre P e Q seja priorizada, de modo que a postura epistêmica positiva indicada na construção [AINDA QUE P, Q] não se refira ao evento descrito em P, mas à relação causal entre P (“não nascer nenhuma criança”) e Q (“persistência do impacto ambiental das cidades e indústrias”).

Em linhas gerais, parece ser possível concluir que as concessivas sob estudo sugerem um aprofundamento da noção de postura epistêmica, que pode enfocar a associação ou dissociação mental do falante em relação ao evento P (tal como ocorre nas condicionais), mas também pode enfocar postura epistêmica positiva direcionada à relação causal entre P e Q.

Considerações finais

Este trabalho contrastou as construções concessivas [AINDA QUE P, Q] e [MESMO QUE P, Q] do português brasileiro, com base em dados reais de uso retirados de textos jornalísticos escritos.

Tomando como ponto de partida o Princípio de Não-Sinonímia, o trabalho analisou as semelhanças semânticas e diferenças pragmáticas entre as referidas construções. Os resultados indicaram que as referidas construções compartilham a natureza intersubjetiva e escalar, na medida em que sinalizam uma incongruência da relação causal entre P e Q em termos do que é “socialmente esperado”, em um contexto em que P representa o limite máximo de uma escala de situações adversas

para a ocorrência de Q. Por outro lado, as construções se diferenciam quanto a postura epistêmica, de modo que [AINDA QUE P, Q] sinaliza postura epistêmica positiva (o falante trata o evento descrito em P (ou a relação causal entre P e Q como fato)), e [MESMO QUE P, Q] indica neutralidade ou dissociação do falante em relação a P (postura epistêmica neutra ou negativa, respectivamente).

Por fim, parece ser possível afirmar que as relações entre postura epistêmica e combinações modo-temporais não estão associadas apenas à factualidade/potencialidade do evento descrito em P, mas podem sinalizar a postura epistêmica do falante referente à relação causal entre P e Q. A investigação detalhada desse aspecto merece ser aprofundada em trabalhos futuros.

Referências

CONEGLIAN, A. *Os juntivos causais e concessivos do português brasileiro na perspectiva cognitivo-funcional: uma análise da ligação conceptual dos elementos gramaticais em uso nessa zona adverbial*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25339>. Acesso em: 17 mar. 2024.

DANCYGIER, B. Conditionals and concessives. *Papers and Studies in Contrastive Linguistics*, v. 24, 1988, pp. 111-121.

DANGYGIER, B.; SWEETSER, E. *Mental Spaces in grammar: conditional constructions*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486760.014>. Acesso em: 17 mar. 2024.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. ISBN 9780511624582 Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511624582>. Acesso em: 17 mar. 2024.

FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. ISBN 9781139174220. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139174220>. Acesso em: 17 mar. 2024.

FERRARI, L. Modalidade e condicionalidade no Português do Brasil. In Recorte - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso, ano 2, n.3, pp. 1-17, 2005.

FERRARI, L. Semântica objetivista ou semântica cognitiva? Implicações do modelo semântico na análise de condicionais. In Gragoatá, Niterói, n. 38, pp. 142-162, 1. sem. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v20i38.33304>. Acesso em: 05 maio 2024.

FERRARI, L; RIBEIRO, G. Construções gramaticais e ponto de vista: as concessivas [Embora P, Q] e as condicionais concessivas [Se P, Q]. *Matraga*, Matraga - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ, v. 29, n. 56, pp. 379-393, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/matraga.2022.62828>. Acesso em: 17 mar. 2024.

FILLMORE, C. *Epistemic stance and grammatical form in English conditional sentences*. Chicago Linguistic Society 26: pp. 137-162, 1990a.

FILLMORE, C. The contribution of linguistics to language understanding. Aura Bocaz (ed.), *Proceedings of the First Symposium on Cognition, Language and Culture*. Universidad de Chile, pp. 109-128, 1990b.

Disponível em: <http://www.icsi.berkeley.edu/pubs/ai/contributionof.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2024.

GOLDBERG, A. *Construções; a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

KÄRKKÄINEN, E. *Epistemic stance in English conversation: A description of its interactional functions, with a focus on I think*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0047404507270058>. Acesso em: 13 mar. 2024.

LANGACKER, R. Subjectification. *Cognitive linguistics*, 1, pp. 5-38, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/cogl.1990.1.1.5>. Acesso em: 13 mar. 2024.

TANTUCCI, V. *Language and social minds; the semantics and pragmatics of intersubjectivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. ISBN 9781108676441 Disponível em: <https://doi.org/10.1017/9781108676441>. Acesso em: 17 mar. 2024.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. ISBN 9780511486500 Disponível em: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511486500>. Acesso em: 13 mar. 2024.

VERHAGEN, A. *Constructions of intersubjectivity: Discourse, Syntax, and Cognition*. Oxford: Oxford University Press, 2005.